

MULHERES NÃO DEVEM FICAR EM SILÊNCIO: ARTE, DESIGN, EDUCAÇÃO

WOMEN SHOULD NOT BE SILENT: ART, DESIGN, EDUCATION

Ana Mae Barbosa / USP / Universidade Anhembi Morumbi

RESUMO

A partir da única obra de Barbara Kruger produzida em português, *Mulheres não devem ficar em silêncio* (1992), apresentarei o resultado de um projeto de pesquisa acerca das mulheres arte/educadoras que influenciaram o ensino da arte modernista no Brasil, e mulheres de outras profissões como artistas, jornalistas e curadoras no apoio da modernização do ensino da arte nos anos 60. A pesquisa tem como objetivo uma revisão feminista da História do Ensino da Arte. Falaremos da participação das seguintes mulheres: as artistas e professoras da Escola de Glasgow e da Bauhaus; As Arte/ Educadoras estudadas são Noemia Varela, Salete Navarro, Mariazinha Fusari, Antonia Aparecida Pallú, Lucia Alencastro Valentim, Solange Costa Lima, Hebe de Carvalho, Fernanda Milani, Laís Aderne. As artistas entrevistadas são Tomie Ohtake e Tereza Costa e por fim Yvonne Jean, jornalista "ativista".

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres; História do Ensino das Artes Visuais; Design.

ABSTRACT

*From Barbara Kruger's only work produced in Portuguese, *Women should not be silent* (1992), I will present the result of a research project about women art / educators who influenced the teaching of modernist art education in Brazil, and women from other professions such as artists, journalists and curators who supported the modernization of art education in the 1960s. The research aims at a feminist review of the History of Art Teaching. We will talk about the participation of the following women: the artists and teachers of the Glasgow School and the Bauhaus; The Art / Educators studied are Noemia Varela, Salete Navarro, Mariazinha Fusari, Antonia Aparecida Pallú, Lucia Alencastro Valentim, Solange Costa Lima, Hebe de Carvalho, Fernanda Milani, Laís Aderne. The artists interviewed are Tomie Ohtake and Tereza Costa and finally Yvonne Jean, an "activist" journalist.*

KEY WORDS

Women; History of Visual Arts Teaching; Design.



Imagem do Billboard (outdoor) de Barbara Kruger na USP, 1992. (Fonte: Acervo do MAC)

O título desta pesquisa é imagem e letra criando uma metáfora para sua tônica ideológica: interrelações. A imagem título é tomada do outdoor (billboard) de Barbara Kruger criado em 1992 a meu pedido para a inauguração da sede do Museu de Arte Contemporânea da USP na Cidade Universitária. A liberdade de usar uma imagem como título vem sendo conquistada desde que Elliot Eisner teorizou acerca da *Art Based Research in Art Education* (Pesquisa Educacional Baseada em Arte, PEBA) nos inícios dos anos 90, embora sua experimentação tivesse começado em 1984 quando organizou uma exposição que através das imagens revelava o processo de criação das crianças e dos professores, apresentada no Canadá.

A teorização acerca desta abordagem metodológica vem sendo sistematizada em nossos dias principalmente na Universidade de Granada por Ricardo Marin e Joaquin Roldan.¹

Esta é uma pesquisa só sobre mulheres descrita por mulheres e homens.

Sempre me interessei pela reconstrução histórica da participação das mulheres que me antecederam na Arte e na Arte/Educação por isto este livro se centra principalmente na década de 60. Tentamos descortinar a resistência pela ação que tiveram as mulheres deste período. Estou convencida de que aprender é reconstruir

BARBOSA, Ana Mae. Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 572-581.

e ensinar é pesquisar constantemente. Entretanto, naquela época tinha medo de me dizer feminista e não me passaria pela cabeça fazer as pesquisas que estou fazendo hoje para demonstrar que apesar do apagamento pela História de inúmeras mulheres que construíram as bases da Arte/Educação no Brasil, nós ainda podemos reescrever esta História.

Esta pesquisa é uma bricolagem: é memória, é celebração, é homenagem, é ativismo em prol da conscientização das Arte/Educadoras e Arte/Educadores acerca da condição periférica da mulher na Arte/Educação e da Arte/Educação em relação aos poderes dominantes.

A pesquisa sobre Mulheres é uma pequena parte de um projeto em cinco partes aprovado pelo CNPQ. Esta parte, a primeira, ainda não está terminada, vou estendê-la aos anos 70 e 80 explorando outra geopolítica cultural. Os principais objetivos da pesquisa são:

- 1- Estudo acerca de mulheres Arte/Educadoras;
- 2- Estudo de mulheres artistas que defendem Arte/Educação;
- 3- Estudo de mulheres que em qualquer profissão e em qualquer posição de poder, defenderam ou defendem Arte/Educação, especialmente administradoras culturais e jornalistas.

A primeira parte foi difícil do ponto de vista da escolha porque foram muitas as Arte/Educadoras importantes da década de sessenta.

A dificuldade na segunda parte foi por escassez. Encontrar artistas mulheres nos anos 60 que respeitassem ou defendessem Arte/Educação e se reconhecessem como mulheres foi difícil. Muitas eram até professoras, mas faziam questão de ignorar educação e dizer que não entendiam nada de Educação. Ainda mais ridicularizavam do feminismo. Não as culpo, era uma reação característica da necessidade de sobreviver, se mostrarem “superiores”, iguais aos homens. Se declarassem ser feministas a exclusão seria maior ainda. Era comum que Artistas

não reconhecessem sua própria educação, nem seus professores ou mentores para se reconhecerem como talentos iluminados.

As artistas Teresa Costa Rego e Tomie Ohtake receberam e dialogaram com arte/educadores aceitando que o processo construtivo do artista tem importância na formação dos jovens quer estejam estudando para professores ou produtores de Arte. Além disto, Teresa quando diretora do Museu do Estado de Pernambuco estimulou e investiu no Educativo do Museu em um período em que isto não era comum. Tomie Ohtake hoje dá nome ao ITO, Centro Cultural que tem um dos melhores departamentos educativos de São Paulo.

No início da pesquisa procurei fazer um levantamento de acervos e arquivos de Arte/Educadoras seguindo-se o levantamento de teses, dissertações, TCCs e entrevistas de Arte /Educadoras, Artistas que tiveram consideração pela Arte/Educação e de apoiadoras desta área embora profissionais de outras.

Foi decepcionante. Encontrei poucos documentos que correspondessem às categorizações acima. Vicente Vitoriano neste livro atesta também esta lacuna.

O limbo informativo ameaça os estudos sobre a mulher. Eva Blay e Wânia Pasinato no Jornal da USP de 24/1/2018 afirmam:

“No Brasil convivemos com uma lacuna histórica na produção de dados nacionais capazes de mostrar as dimensões da violência contra as mulheres, suas características e produzir indicadores que nos permitam avaliar se as leis estão sendo aplicadas, como a ausência de serviços e investimentos afeta as respostas de prevenção à violência e proteção às mulheres, quais são os custos sociais e econômicos da violência contra as mulheres. Sem esses dados os mecanismos de monitoramento das políticas e das leis especializadas tornam-se frágeis. ”²

A ausência de dados, a ausência de estudos comprobatórios, por exemplo no âmbito da legislação, fragiliza a Lei Maria da Penha frente a membros do legislativo que propõem projetos praticamente acabando com a proteção da mulher contra violência doméstica e na rua.

Mas, também no âmbito cultural a ausência de textos, pesquisas, estudos sobre a participação da mulher na sociedade continua a obliterar sua importância intelectual.

Minhas escolhas para o livro resultado das pesquisas são confessadamente e declaradamente pessoais e até certo ponto autobiográficas. Circunscrevi-me ao espaço no qual circulei, habitei e trabalhei. Identifiquei pesquisadores que desvendaram os fazeres de Arte/Educadoras que construíram nossa história nesse universo geo-cultural: Nordeste, São Paulo e Brasília e tentei uma organização que dê sentido ao livro, mas mantenha sua tendência a heterogeneidade. O difícil foi escolher as mais influentes na área. Não é um livro sobre minhas amigas porque algumas destas mulheres infelizmente conheci muito pouco e porque incluí Lucia Valentim, embora nós sempre tivéssemos discordado abertamente e publicamente em questões políticas e metodológicas. Lucia chegou a convocar o marido Rubem Valentim para ajudá-la a me combater em um Congresso na Bahia. Anos depois, quando fui diretora do MAC/USP organizei sob curadoria de Maria Alice Milliet uma exposição de artistas brasileiros em Chicago que incluiu Rubem Valentim. Na abertura da exposição em São Paulo convidei o casal e tive a sensação de que as arestas mais pontiagudas se desfizeram. Contudo, Lucia não era mais a voz do Ministério da Educação ditatorial na Arte/Educação. Ela em Brasília teve o poder de comandar no MEC a Educação Artística durante quase 20 anos de ditadura. Lais Aderne sim, foi minha amiga íntima e muito querida, mas de Brasília falta René Simas que na Aliança Francesa na década de 60 mantinha uma Escolinha de Arte para Crianças e Adolescentes. Sobre ela não encontrei sequer dados biográficos. A ideia inicial não era que eu encomendasse artigos ou escrevesse sobre as Arte/Educadoras históricas, era buscar pesquisas sobre elas. Terminei escrevendo mais do que pretendia e o texto sobre Yvonne Jean foi escrito especialmente para o livro. José Minerini Neto auto financiou sua pesquisa sobre ela, indo a Brasília para consultar seus arquivos. Neste livro ela representa as mulheres que voluntariamente apoiaram, em suas diferentes profissões, mulheres Arte/Educadoras. Ela era Jornalista e Assessora do Departamento de Cultura (não era este exatamente o

nome) da Universidade de Brasília nos anos difíceis da Ditadura Militar. Não deu tempo de me tornar sua amiga, mas ela foi meu principal apoio para a criação e organização da Escolinha de Arte de Brasília e para a organização do primeiro congresso de Arte/Educação que se realizou em uma Universidade brasileira que consegui fazer na UNB em 1965. Passei menos de um ano (Janeiro a novembro 1965) naquela universidade, mas foram meses de aprender a ter coragem e Yvonne Jean era um exemplo de coragem.

Entre as Arte /Educadoras de São Paulo vocês vão sentir falta de um texto sobre Susana Rodrigues, que em 1948 iniciou no MASP um atelier para crianças, mas Rita Bredariolli escreveu sobre ela uma excelente dissertação³ que se tornou um livro. Priorizei os textos não publicados em livros. Susana Rodrigues, Pallú, Hebe Carvalho, Fernanda Milani foram quatro divas, mulheres fortes e inteligentes que se cruzaram na cidade de São Paulo numa mesma época atuando alternadamente nas instituições mais importantes como MASP, Instituto de Educação, Fundação Armando Alvares Penteado, Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, Experimental da Lapa. Quando Pietro Maria Bardi e Lina Bo Bardi chegaram a São Paulo em 1946 foi Pallú que os recebeu. Isto dá a ideia da importância desta professora na época.

Quando cheguei em São Paulo no último dia de 1967, só Susana não estava mais trabalhando. Neste panorama de mulheres fortes, mas na geração posterior destacou-se também Fanny Abramovitch que nas décadas de 60 e 70 teve um atelier para crianças, mas sua paixão maior era o Teatro Estamos tratando principalmente das Artes Visuais. Nos últimos 30 anos ela se dedicou a literatura e deixou muitas discípulas fieis em todas as áreas da Arte que certamente estarão escrevendo sobre ela. Ainda em São Paulo, mas já na Universidade, minhas homenagens vão para Mariazinha Fusari que poucos anos depois destas cinco mulheres, Susana Rodrigues, Hebe Carvalho, Pallú, Fernanda Milani e Fanny Abramovitch mobilizarem a Arte/Educação em São Paulo, ajudou a varrer o irrespirável conservadorismo da Faculdade de Educação da USP resultante da época da Ditadura Militar. Foi uma das unidades da USP que mais tardiamente se

BARBOSA, Ana Mae. Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 572-581.

recuperou da contaminação com a ditadura. É preciso lembrar que quando o governo militar em 1965 quis acabar com a UNB moderna e socialmente ativa foi na FE/USP que encontrou um educador que nomeado Reitor se dispôs a comandar a destruição, depois que Zeferino Vaz se recusou a executar a infame tarefa demitindo-se da Reitoria. Talvez nunca, ninguém, tenha coragem de fazer uma pesquisa sobre as cicatrizes da Ditadura Militar no corpo da Faculdade de Educação da USP.

Foi examinando a tese de Doutorado de Vicente Vitoriano Na UFRGN que descortinei a importância que ele deu a Salete Navarro embora seu tema fosse o marido dela, artista Newton Navarro. Pedi então que aproveitando a pesquisa que fez para a tese, deslocasse o foco e escrevesse sobre Salete. A entrevista e o texto sobre Solange Costa Lima também são materiais que encontrei lendo a tese de Everson Melquiades. Solange foi pioneira do trabalho com Arte para crianças e adolescentes pobres de Olinda. Ela antecipou no fim da década de 50 as ONGs que tanta influência tiveram no Ensino das Artes nas décadas de 80 e 90. No Nordeste são muitas as mulheres Arte/Educadoras a comemorar. Destaquei propositalmente Noemia Varela com dois capítulos Sua ação no Nordeste e no Rio foi pervasiva. Foi a formadora da minha geração, como mentora, no meu caso e de Laís Aderne e para inúmeras outras mulheres através dos Cursos Intensivos de Arte na Educação na Escolinha de Arte do Brasil no Rio de Janeiro. Eu tinha apenas 22 anos quando ela mudou-se de Recife para o Rio de Janeiro e me deixou responsável pelos estágios dos alunos da Escola de Belas Artes da UFPE na Escolinha de Arte do Recife. Nunca ninguém confiou tanto em mim. Pelo contrário, fui sempre vista com certa desconfiança, mas depois que ela reforçou meu ego, não mais me atingiu a desconfiança alheia.

Deste livro a parte que mais me entusiasma é a de entrevistas. As entrevistas são uma plataforma mais acurada da memória que as autobiografias. Nas autobiografias podemos nos refazer e nos desculparmos, na entrevista especialmente a gravada, a imediatez das perguntas nos faz cometer deslizes reveladores do que por ventura

queiramos esconder. Em minha entrevista com Eleanor Hipwell, a única estrangeira a ser entrevistada, ela falou de assuntos e fez críticas que jamais faria em uma autobiografia. Na época em que a entrevistei ela era tão importante na Arte/Educação na Inglaterra quanto Elliot Eisner nos Estados Unidos. Hoje não consigo sequer encontrar a data de seu falecimento, muito menos uma fotografia dela. Teria que ir a Inglaterra para pesquisar mas foi impossível em virtude da verba e do tempo exíguos que o CNPq me concedeu depois que por mais de dez anos fui pesquisadora 1A e depois de que os resultados de minha última pesquisa financiada pelo CNPq publicada em livro teve o Primeiro Prêmio Jabuti de Educação e Pedagogia (2016). Nunca tive uma bolsa de pesquisas sem que esta produzisse um livro ou um longo capítulo de livro.

Como as jovens feministas de hoje podem ver, meu feminismo se construiu muito lentamente e ainda estou nas suas duas fases iniciais, a de “luta por posição igual a dos homens na sociedade” como diz Dan Li (2017, página 42)⁴ e a segunda fase de luta caracterizada pela busca de empoderamento feminino e revisão histórica. Da Terceira Onda, só assimilei no meu ativismo a ideia de que o pós- feminismo se constrói com homens e mulheres juntos. Entretanto, hoje o feminismo está mais avançado, focando no “individualismo, sofisticação e escolha”⁵. Vários autores associam à Terceira Onda feminista à ênfase no corpo e um pronunciado discurso sobre autonomia e escolha resultando em aprofundamento do pensar sobre sexo e sexualidade explícita (Bay-Cheng, 2012; Gavey, 2012; Levy, 2005) resultando até na decisão da mulher em objetificar sexualmente a si mesma. (Danaghue; Kurz & Whitehead, 2011)

A formação de mentes abertas deve ser enfatizada, as múltiplas teorias do feminismo exploradas e metodologias feministas experimentadas na Arte/Educação. (Sandell, 1991; Keifer-Boyd, 2003).

A pesquisa continua. Deparei-me com muitas mulheres cuja contribuição para o ensino das Artes Visuais precisará ser estudada se prezamos nossa História. Somente no Rio Grande do Sul sem necessidade de pesquisa para identifica-las

BARBOSA, Ana Mae. Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 572-581.

porque a lembrança da contribuição delas ainda não foi esquecida temos entre as que se aposentaram Ivone Richter, Maria Leda Macedo, Maria Bonumá, Myriam Anselmo. Iara Rodrigues infelizmente já morreu, mas suas colegas têm muitas informações preciosas sobre as atividades dela.

No Rio de Janeiro, onde a Escolinha de Arte do Brasil foi o epicentro da Arte/Educação até a saída de Noêmia Varela, muitas mulheres atuantes já foram esquecidas, como Maria de Lourdes Mader e Mahylda Bessa. Mesmo na época, todas foram eclipsadas pela figura carismática de Augusto Rodrigues. Não temos nenhuma intenção de culpa-lo, assim era a sociedade, mas compete a nós trazê-las de volta. Até agora nós, homens e mulheres feministas conseguimos manter viva a lembrança da atuação de Noemia Varela, mas, e as outras? Voltaremos a pesquisar tempos mais recentes no Nordeste e em Brasília, onde atuaram Célia Rosa, Lydia Garcia, Maria de Lourdes Teodoro e Grace Freitas. Esta última identificada como Historiadora da Arte foi uma defensora da Arte/Educação nos seus muitos mandatos como diretora do IdA/UNB, que ela recriou das cinzas da ditadura. Como os anos 50, os anos 80 foram de grande desenvolvimento da Arte/Educação no Brasil. Os períodos ditatoriais de nosso país são em geral seguidos pela esperança de que se tivermos uma boa educação a violência não se repetirá.

Notas

¹ VIADEL, Ricardo Marin; ROLDAN, Joaquin. *Ideas Visuales: Investigación basada en Artes e investigación artística*. Granada: EUG, 2017.

² <http://jornal.usp.br/artigos/a-violencia-contra-as-mulheres-e-a-pouca-producao-de-informacoes/> Consultado em 1/2/2018.

³ BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. *Das lembranças de Suzana Rodrigues, tópicos modernos de Arte e Educação*. São Paulo: ECA-USP, Dissertação de mestrado 2004.

⁴ LI, Dan. *Sexuality and Women's Empowerment in an Classroom: A Post-feminist Perspective*. The International Journal of Arts Education. Volume 15, Number2, december, 2017, pag 35.

⁵ OTT, B & MACK, R.L.. *Critical Media Studies: An introduction*. Massachusetts: John Wiley & Sons, Ltd., 2010. p. 1

Referências

BAY-CHENG. L.I. **Recovering empowerment: De-personalizing and re-politicizing adolescent female sexuality**. Sex Roles, Vol. 66, Number11-12, 2012, pag. 713 a 717.

BARBOSA, Ana Mae. Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 572-581.

BLAY, E., PASINATO, W. A violência contra as mulheres e a pouca produção de informações. **Jornal da USP**. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/artigos/a-violencia-contra-as-mulheres-e-a-pouca-producao-de-informacoes/>>. Consultado em 1 fev. 2018.

BREDARIOLLI, R., **Das lembranças de Suzana Rodrigues, tópicos modernos de Arte e Educação**. São Paulo: ECA-USP, Dissertação de Mestrado, 2004.

DANAGHUE, N., KURZ, T. & WHITEHEAD, K., Spinning the pole: A discursive analyses of the websites of recreational pole dancing studios. **Feminism & Psychology**, Vol 21, Number 4, 2011. Pag. 443-457.

GAVEY, N. Beyond “empowerment”? Sexuality in a sexist world. **Sex Roles**, Vol 66, number 11-12, 2012, pag.718 a 724.

KEIFER-BOYD, K., A pedagogy to expose and critique gendered cultural stereotypes embedded in art interpretation. **Studies in Art Education**, Volume 44, Number 4, 2003, pag 315-334.

LEVY, A., **Female chauvinist pigs: Women and the rising of raunch culture**. New York: Free Press, 2005.

LI, Dan. Sexuality and Women’s Empowerment in a Classroom: A Post-feminist Perspective. **The International Journal of Arts Education**. Volume 15, Number 2, December 2017, pag. 33 a 59.

OTT, B & MACK R. L. **Critical Media Studies: An introduction**. Massachusetts: A John Wiley& Sons, Ltd. 2010, pag 1.

SANDELL, R., The liberating relevance of feminist pedagogy. **Studies in Art Education**, Volume32, Number 3, 1991, pag. 178-187.

VIADEL, Ricardo Marin; ROLDAN, Joaquin. **Ideas Visuales: Investigación basada en Artes e investigación artística**. Granada: EUG, 2017.

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa

Foi presidente da INSEA (UNESCO 1990-1993), da ANPAP e Diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP (1987-1993). Publicou 23 livros sobre Arte e Arte/Educação, sendo os últimos: *Mulheres não devem ficar em silêncio: Arte, Design, Educação* (Cortez, 2019), *Redesenhando o Desenho: educadores, política e história* (Cortez, 2015, Prêmio JABUTI) e *La imagen en la enseñanza del Arte* (UANL, 2015). Recebeu o Título de Doutora Honoris Causa pela UFPE (2017) e UFPB (2016) e os Prêmios: Ícone da Educação Inst. Europeu de Design; Itaú Cultural 30 anos (2017); Edwin Ziegfeld, USA (1992); Herbert Read (1999); a Ordem do Mérito Científico (Brasil, 2004) e a Ordem de Mérito Cultural (2016). Foi curadora de exposições de Christo, Bárbara Kruger, Oswald de Andrade; Alex Flemming; A estética do Candomblé, dentre outras.